

Rial, Carmen. 2011. Rúgbi e Judô: Esporte e Masculinidade. In: Penteado, Fernando Marques; Gatti, José (ed) *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, pp. 199-221.

Rúgbi e Judô: Esporte e Masculinidade¹

Para o Nando e o Beбето, dois homens.

"Um homem decide um belo dia escalar o Himalaia. Não tem obrigação nenhuma de fazer semelhante esforço. Ele é obrigado a pagar os impostos, a fazer o serviço militar e a exercer um ofício, já que todas essas coisas são 'sérias', mas escalar o Everest, a isso nada o obriga." Porque o faz? Compartilho aqui do espanto de Vladimir Jankélévitch diante desse homem que se aventura, se arrisca, se expõe a perigos, sofre para executar uma atividade a qual nada o obriga e ainda denomina essa faina de **esporte**, palavra que, na sua origem inglesa, remete a *disport*, que quer dizer, se divertir, se entreter. É essa a perplexidade que guia minha visita aqui a esportes tradicionalmente considerados como masculinos, e em especial ao rúgbi.

A escolha do rúgbi se justifica por esse esporte contestar dois pressupostos que guiam muitos estudos do campo esportivo: O primeiro pressuposto, desenvolvido primeiramente pelo sociólogo alemão Norbert Elias e que pela sua justeza influenciará inúmeros trabalhos posteriores, é o de que o *processo civilizatório* que se estende aos esportes a partir do século XVI de

¹ Uma outra versão desse texto foi publicado no livro PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 229-258.

modo a torná-los menos bárbaros através de uma regulamentação, tende a extinguir as práticas esportivas violentas. Ora, o rúgbi é incontestavelmente um esporte violento que continua a ser praticado ainda hoje, na Modernidade, e que está em expansão. Do século XIX, quando é regulamentado, até cerca dos anos 1990, o rúgbi tinha aficionados apenas na Inglaterra, nas antigas colônias do Império Britânico, na França e na Romênia. Hoje mostra uma tendência a se universalizar, do mesmo modo como o futebol se universalizou. Encontramos torneios de rúgbi na Itália, na Argentina, etc e agora também no Brasil. O segundo pressuposto, também presente na teoria de Elias mas que foi desenvolvido e aprofundado nos trabalhos de Bourdieu e seus seguidores, é o de que os esportes violentos, se não desaparecem com a Modernidade, ficaram restritos às classes populares, as atingidas mais lentamente pelo processo civilizatório. Ora, o rúgbi é um esporte de grande implicação física, porém, desde o início e ao contrário do futebol, se disseminou entre as classes média e altas tendo se apropriado de um ethos amador para manter essa discriminação social.

Começo com duas histórias, de dois praticantes, colhidas em inúmeras conversas com eles, seus familiares e amigos, e através de observações diretas de seus treinos e atuações. A primeira história é a de um menino, hoje um homem de 37 anos, que chamarei de X.

O Judô

X nasceu prematuro, aos sete meses de gestação, e foi desde cedo uma criança de uma compleição muito frágil, chegando a ter acessos de asma. Além disso, era de temperamento introvertido, mais retraído do que os pais supunham deveria ser um menino ou um homem. Isso tudo constatado, decidiram colocá-lo a praticar um esporte vigoroso. O judô era na época, início dos anos 60, dentre

as chamadas lutas marciais a mais desenvolvida no sul do Brasil. E lá se foi o pequeno e frágil X para uma academia de judô e jiu-jítsu. Ele portava, evidentemente, a faixa branca, dos iniciantes totais. O quimono dançava no seu corpo de 4 anos; qualquer batida nos seus pés e ele estava no chão.

X ingressava no mundo do esporte, da luta, masculino -- não havia nenhuma mulher sobre a esteira -- e também religioso: antes de iniciar cada treinamento, ele foi ensinado que deveria se inclinar saudando o tapete, uma esteira retangular feita de palha de arroz chamada de "tatame"; deveria repetir a saudação para a figura de um velhinho japonês, o fundador do judô², cuja fotografia ficava numa espécie de altar na parede; e por fim, saudar os mestres contemporâneos. Era um momento de recolhimento, de meditação e de demonstração de reverência diante de superiores. A mesma saudação humilde ele dirigia ao adversário, antes de cada combate.

Mas até obter o direito de fazer face a um adversário, X foi compelido a passar por muitas e muitas horas de um treinamento exaustivo e doloroso. Nada semelhante às academias de musculação atuais, que com a sua parafernália de equipamentos computadorizados, fazem os exercícios físicos parecerem a condução de um Fórmula Um: os números dando conta da distância percorrida, do tempo gasto, das calorias queimadas nos distraem do esforço, que é bem menor quando há uma máquina dirigindo nossa força exatamente para o músculo visado.

Como aquecimento muscular, X tinha de bater os pés e as mãos com força no tatame, rolando de um lado ao outro do seu corpo, por cem, duzentas vezes. Com isso aprendia, também, a distribuir o impacto nas quedas. Os exercícios abdominais eram incontáveis. Com eles, desenvolvia um escudo protetor na frente do corpo que deveria ser tão riço quando o das costelas nas costas. Os

²Luta desenvolvida a partir das técnicas do antigo jiu-jitsu.

chamados "apoios" eram as dezenas e, se inicialmente eram as mãos que eram exigidas, logo passaram a ser as pontas dos dedos - com a força dos dedos ele era obrigado a erguer o peso do corpo todo, sem descansá-lo no chão, até cem vezes.

Qualquer hesitação ou erro, era castigado com uma série de exercícios complementares, alguns bem ridículos, como correr pulando em uma perna só em volta do tatame, enquanto a platéia formada pelos seus companheiros de academia admirava a performance as gargalhadas e lançava piadas que atingiam a sua identidade sexual: "mas é uma galinha...", "olha só a mulherzinha dançando para nós...".

Quando se aproximava um campeonato, os treinos se encrueciam e eram acrescidos de uma outra sessão de suplício: a sauna. Como o lutador goza de vantagem ao enfrentar adversários de uma categoria inferior a sua - as categorias são estabelecidas pelo critério do peso -- o nosso pobre X era condenado a perder quilos em alguns dias para baixar de categoria na marra. Além do regime alimentar em casa, que poderia consistir em um dia ingerindo apenas glicose, e dos exercícios extras na academia, ele invariavelmente acabava encerrado na sauna durante horas. Encerrado é a palavra certa pois X era trancado na câmara quente pelos minutos que o treinador julgasse suportável e então era retirado de lá e conduzido para um banho frio, pesado e reconduzido ao inferno por mais algumas gramas. Quem pensa que a sauna pode ser um lugar agradável, e o é, se voluntária, deveria ouvir o testemunho de X. Não poucas vezes, desesperado, ele esmurrou a porta implorando para ser solto.

Invariavelmente nas vésperas de um campeonato, X sentia-se mal; às vezes dizia estar gripado, outras com indisposição estomacal, outras ainda com dor em um braço ou num ombro. Os familiares se dividiam entre os que acreditavam que realmente ele tinha algo e os que diziam: "de novo, tá com

medo de lutar e fica fazendo fita". Era incentivado a superar o que quer que tivesse e a desprezar a dor, que geralmente era esquecida assim que o campeonato terminava. Quando esteve prestes a participar da mais importante competição mundial, as Olimpíadas, X não pode viajar por causa de uma fratura.

Nos campeonatos, não se tratava apenas de medir forças com um adversário, isso era o menos importante. Estava em jogo a *honra*³ do treinador, a *honra* do mestre da academia e a *honra* do pai, que nunca ia aos treinos mas estava sempre à beira do tatame nos dias de campeonato, gritando como se incentivasse um galo de rinha, ajudado pelo resto da família, evidentemente. A mãe não assistia às lutas: dizia não suportar a emoção, e se retirava para ficar rezando fora dos estádios, retornando apenas quando o combate estava terminado, para abraçar o vencedor ou consolar a vítima, ou seja, nos dois casos, X e o seu pai.

Quando vencia, e esse era comumente o caso para X que foi várias vezes campeão no Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro e sagrou-se bicampeão brasileiro da categoria, seguia-se o ritual do pódio: o ganhador subia no degrau mais alto e recebia a medalha, geralmente das mãos do dono da academia cujas cores tinha honrado. Era fotografado e aplaudido. É provável que esse fosse um momento de prazer, de genuína alegria para X. Tendo a considerá-lo, acima de tudo, como um momento de alívio, de fim provisório da maratona de dor e de adiamento da desonra.

Como os campeonatos colocavam frente a frente os melhores lutadores, X se defrontava freqüentemente com os mesmos adversários, colegas ou não de academia. Assim, com o tempo, as respectivas famílias se conheceram entre si, sem que isso tenha propiciado encontros outros que não os do estádio onde a

³Cf. PITT-RIVERS, J. *Anthropologie de l'Honneur. L mésaventure de Sichem*. Paris, Le Sycomore, 1983.

luta se realizava e que eram marcados pela rivalidade intensa. Também os treinos e o pós-treino não eram momentos de confraternização para X.

Foram anos e anos de treinamentos, duas a três vezes por semana, durante horas. Esses anos de judô tornaram X um jovem musculoso e forte, assediado por namoradas potenciais. Não se tornou um brigador na rua, ao contrário, costumava se impor com serenidade evitando a força física. Assim que deixou a casa dos pais, ou seja, quase 14 anos depois de ter começado a lutar e obter vitórias significativas como os títulos estaduais paulistas e brasileiros ou a designação de melhor atleta no ano entre todos os esportes amadores no Rio de Janeiro, X deixou também o judô e, até hoje, não voltou a praticá-lo.

O Rúgbi

Nosso segundo caso, é o de um jogador de rúgbi que eu vou chamar de Y e que acontece ser sobrinho de X. Como X, ele provém de uma camada social média/alta, pais com escolaridade superior. Ao contrário de X, não nasceu prematuro: foi um bebê de 4 quilos e meio e 53 centímetros de altura, que apresentava desde cedo um porte físico superior a dos meninos de sua idade e uma agressividade inusitada: mordida as pessoas estranhas, "por timidez", segundo uma psicóloga consultada pelos pais.

Foi incentivado a praticar esportes, inicialmente o futebol e mais tarde o tênis, mas não ingressou em nenhuma escola para esse fim. Jogava na rua, com os outros meninos, parecendo divertir-se com essa prática. Destacou-se no futebol quando morou no Suíça, sendo o goleador do time da escola. Os treinos de futebol e tênis de Y nunca apresentaram nem de longe o grau de sofrimento dos treinamentos de X e as competições, embora assistidas também pela família, não pareciam relacionar tão diretamente a *honra* familiar.

Y cresceu demonstrando grande apego pelos esportes em geral e na adolescência resolveu criar uma equipe de rúgbi⁴, o Desterro, com alguns amigos do condomínio residencial onde mora, a maioria, como ele, com uma estatura física bem acima da média. Com a participação nessa equipe de rúgbi, sua biografia esportiva foi bastante alterada: dos treinos e jogos ocasionais passou a obedecer um calendário estrito indo treinar duas a três vezes por semana e consagrando grande parte do seu tempo a organização da infraestrutura necessária a equipe, uma vez que o rúgbi era desconhecido na cidade. Contatar clubes e proprietários de terrenos onde os jogos poderiam se desenvolver, organizar festas para arrecadar dinheiro, contatar lojas que vendessem o material desportivo necessário passaram a ser atividades desenvolvidas por Y, além de ver vídeos de rúgbi e escrever *press-releases* sobre seu time, etc.

Como X, Y também praticava um esporte duro. Nos treinamentos e nos jogos de rúgbi nota-se uma grande implicação física dos praticantes, especialmente nos lances chamados *hack*, ou seja, as formações fixas com a bola no chão - aquela montanha de homens sobre uma bola - e nos *mauls*, as formações fixas em pé, com a bola na mão. Como forma de se aquecer e se preparar para os contatos físicos do jogo, os jogadores costumam bater com toda a sua força nas suas próprias orelhas e uns nas dos outros e esfregarem-se os rostos e cabeças. Para aumentar a resistência, carregam-se mutuamente.

Há, evidentemente, além do esforço físico, muita dor envolvida num jogo de rúgbi, bem mais do que numa partida de futebol, vôlei ou tênis. Mas essa dor é vivenciada por Y com uma certa dose de prazer; as cicatrizes são exibidas com orgulho e não raras vezes, ele e seus parceiros sacrificam-se jogando

⁴ Esporte inventado em 1823 no Colégio de Rugby, na Inglaterra, praticado por duas equipes de 15 jogadores, com um bola oval que deve ser conduzida até a linha final do campo do adversário (5 pontos) ou passada por cima do arco do adversário (em forma de H) , com um chute (3 pontos).

machucados. Muitas vezes após os treinos, chegando suado em casa, sozinho ou com algum companheiro de equipe, Y se dedica a complementar os exercícios com meia hora de musculação nos aparelhos que ocupam boa parte do seu quarto e foram presentes do avô, pai de X.

A dor aqui é signo, isto é, representação de outra coisa para alguém. O que está sendo representado? Y responde claramente quando diz que rúgbi "é jogo pra macho". O modo de cumprimento entre si dos seus amigos/jogadores aliás, é exemplar. Ouvi muitas vezes Y dizer a um companheiro de equipe ou receber dele a saudação: "Aí macho, tudo bem". "Tudo bem, macho" é a resposta que vem em troca, numa afirmação constante e mútua da masculinidade. Macho aparece no seu discurso como algo para além do homem, ou seja, o homem nas suas qualidades ideais⁵. A resistência a dor é demonstração para si e para os outros de que ali está um verdadeiro macho.

Os trotes de ingresso na equipe marcam a separação do iniciante de sua posição anterior de não-macho e são marcados pela dor. É caso, por exemplo, da brincadeira *cuecão*, criada pela equipe do Desterro. O novato é posto só de cuecas em frente aos jogadores veteranos que o suspendem erguendo-o através do elástico da cueca, de modo que o peso do corpo todo pressiona os testículos. O infeliz é mantido assim até que o tecido da cueca ceda e rasgue ou que os companheiros cansem de segurá-lo. A dor experienciada nesse ritual, suponho, é intensa e segundo o Y "tem que agüentar porque aí se prova que é macho

⁵Poderíamos, brincando com o estruturalismo, traduzir as representações do grupo de jogadores de rúgbi através de um contínuo de gênero onde os extremos se tocariam dando a forma de círculo ao contínuo. Na parte superior do círculo teríamos a esquerda a Natureza, a direita a Cultura. O homem apareceria na parte superior, no lado da Cultura. Nas posições intermediárias teríamos a esquerda a menina (mais próxima da Natureza) e à direita o menino (mais próximo da Cultura). A mulher ficaria na parte inferior do círculo, no meio entre a Natureza e a cultura. O macho ocuparia o lugar oposto ao da mulher, na parte superior do círculo, entre a Natureza e a Cultura, depois de ter simbolicamente percorrido todo o círculo.

mesmo". Resistir à dor significa, como em muitos rituais limiares⁶, ascender a uma nova condição, no caso, de masculinidade

Em Curitiba, o trote usado também reafirma uma condição de masculinidade maior dos veteranos em relação aos outros mortais através de outro estratagema. Lá se faz o *chupa, chupa*. Os jogadores veteranos se revezam para *chupar* o pescoço do novato que acaba marcado pelos *chupões*. Ou seja, feminizam o iniciante, por uma última vez, pois daí em diante ele será macho e também terá o direito de feminizar outros iniciantes colocando-se numa situação hierárquica supostamente superior a dos outros homens⁷.

Afora as zombarias de iniciação, outros momentos exaltam a condição de masculinidade dos jogadores. O rúgbi, por tradição e em todos os lugares do mundo, prevê um "terceiro tempo" após os jogos, quando então se encontram os integrantes das equipes para beberem cerveja e realizarem brincadeiras, em bares ou locais especialmente reservados. Esse encontro é exclusivo, sendo vetado o acesso das mulheres⁸.

⁶ Cf. TURNER, V. *Le phénomène rituel: structure et contre-structure*. Paris, PUF, 1990.

⁷ Dunning fala dos rituais de equipes inglesas de rugby cujo componente central é o 'striptease' masculino, um ritual que satiriza as mulheres "strippers". O início do ritual inglês descrito por Dunning, canta-se uma música chamada 'o guerreiro Zulu'. Em algumas cerimônias de iniciação, o iniciado é despido - freqüentemente à força - e o seu corpo, especialmente os genitais, é lambuzado com cera de engraxar sapatos ou com vaselina. Dunning, no entanto, observa transformações, nãoainda nos rituais mas na relação que as equipes estabelecem com as mulheres. Os clubes ingleses atuais já não são exclusivamente masculinos, as mulheres são *bem-vindas* pelo menos nos bailes que servem para levantar fundos. Não que antes estivessem completamente ausentes - elas faziam chá, preparavam as refeições e compunham a torcida.

⁸ Dunning nos fala que nos terceiros tempos ingleses se bebe cerveja em excesso, há apostas e rituais que aumentam o consumo e a velocidade com que os participantes se embriagam. Quando estão bêbados, os jogadores cantam canções obscenas e se a esposa ou namorada de algum esta presente, cantam a canção 'Goodnight Ladies' como sinal para que se retirem. Dali em diante os acontecimentos são tidos como masculinos e qualquer mulher que tenha escolhido permanecer é vista como degradada. Os temas das canções giram em torno da ridicularização das mulheres e dos homossexuais. Nas canções, as mulheres são sexualmente insatisfeitas e os heróis tem que usar de poderes extra-humanos para satisfaze-las. Dunning

A equipe de Y costuma realizar, durante os terceiros tempos, uma dança que chamam de "Chopichapi", criada por eles inspirada em um hipotético ritual primitivo, e que supostamente guarda semelhança com a saudação da seleção de rúgbi da Nova Zelândia - uma das equipes de maior destaque nesse esporte, que se saúda os adversário imitando uma dança maori. O Desterro inventou também brincadeiras onde se flerta com o "homoerotismo", como é o caso do jogo com a cadeira (sentam no colo um dos outros, até a cadeira desabar pelo peso dos corpos).

Já que eu nunca pude observar diretamente um terceiro tempo, isso me foi relatado por Y e por sua irmã, que namora um companheiro de equipe de Y, embora ela também jamais tenha participado do terceiro tempo. Tendo a pensar que, nessas reuniões, o cavalheirismo das interações intersexuais assim como a agressividade regrada, normatizada pelas imposições do regulamento do jogo encontra o seu contra-ponto na manifestação de uma suposta selvageria (danças imitando "índios", gritos de guerra), propriedade de quem é **macho**, ainda que essa selvageria seja em parte desconstruída pelo riso que a acompanha.

Y pratica o rúgbi há 3 anos, tendo já viajado para a Argentina e o Uruguai para disputar partidas e recebido equipes de rúgbi do Brasil e do exterior. Quando viaja, hospeda-se em alojamentos de clubes ou, mais freqüente, nas casas de outros jogadores, desconhecidos até então. Também recebe atletas em sua casa, quando esses vêm à Ilha de Santa Catarina para disputas. É comum a troca de presentes e esses geralmente são endereçados à família que recebe: artesanato, chocolate, etc. Quando emprestei minha casa para que alguns atletas

relaciona essas temáticas com o crescente poder das mulheres na sociedade. O rúgbi torna-se um jogo de adultos por volta de 1850, época das *suffragettes*, e entre a classe média alta e média, o mesmo estrato social dessas mulheres revolucionárias. Para ele, o rúgbi torna-se um enclave onde a ameaça feminina pode ser contestada onde os homens poderiam expressar abertamente sua masculinidade ameaçada. Cf. DUNNING, Eric Sport as a Male Preserve: Notes on the Social Sources of Masculine Identity and its Transformations. In ELIAS, Norbert and Eric DUNNING *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process* London, Basil Blackwell, 1986:274.

uruguaio se hospedasse ali, encontrei na volta uma garrafa de uísque de boa marca e de 14 anos de envelhecimento, uma atenção inesperada para mim e surpreendente pois vinda da parte de adolescentes.

Há uma ativa participação da família no levantamento de fundos para financiar a equipe, com a organização de almoços (churrascos, carreteiros) em tardes de domingo que era inicialmente realizados na casa de um dos jogadores e hoje, com a expansão do número de presentes, em clubes. Muitos dos pais, porém, se opõem a que os filhos pratiquem esse esporte, sem contudo impedi-los. De fato, o público dos jogos divide-se entre os torcedores (os amigos e familiares que estão ali para incentivar) e os familiares, que vão ao campo para certificarem-se que os filhos terminarão o jogo com saúde e inteiros ou, como me disse o pai de M., atleta do Desterro "nós viemos porque ele pode precisar (que o leve a um hospital), nem sempre há uma ambulância presente. Por mim, M nunca jogaria isso, não é esporte, é pura violência". E, de fato, durante todo o transcorrer do jogo, os pais de M. trocavam entre si observações aflitas "Meu Deus, estão todos sobre ele!" "Não te preocupa, ele está caminhando bem, não houve nada". "Quanto tempo falta, ainda?" "Olha, ele já está exausto".

Nesse tarde, a seleção brasileira jogava contra o Desterro e o repórter que entrevistava os presentes acabou ouvindo os pais de M. Eles repetiram convictos à televisão os comentários amargos contra o rúgbi - "O outro filho eu consegui convencer e não joga mais, isso deveria ser proibido" . A reportagem causou grande constrangimento entre os atletas do Desterro quando foi transmitida. A equipe se esforça por tornar o jogo conhecido, através de contatos com a imprensa, já tendo conseguido implanta-lo em uma das principais escolas públicas da cidade, e as declarações dos pais de M foram nesse sentido desastrosas. Eu mesma não suportei aquelas lamúrias e, com o risco de parecer antipática, em dado momento não me contive: "Vamos ver o jogo, o jogo." É claro que eles não estavam ali para ver o jogo e muito menos torcer, aliás, a

único momento de alegria foi no fim da partida; M. tinha sobrevivido ileso a mais uma prova.

De fato, não havia exagero na inquietação dos pais de M. Ao nosso lado na arquibancada nessa tarde estava um rapaz que parecia entender as regras do jogo em suas nuances -- o que não é meu caso, compreendo o básico. Pedi-lhe um esclarecimento em um lance e aproveitei para perguntar se jogava rúgbi. Ele me lançou um sorriso resignado: "Já joguei, mas rompi os ligamentos e não posso mais jogar". Alguns degraus abaixo de nós, outro atleta/torcedor exibia o gesso na perna. "Ele não joga mais, já se quebrou muito", foi também o que me disse uma amiga socióloga de São Paulo, mãe de ex-jogador da seleção brasileira de rúgbi.

Uma das cenas do jogo do Desterro contra a seleção me deu bem a dimensão do quanto ele pode ser perigoso. A bola estava sendo disputada no meio do campo quando, sem que compreendêssemos de imediato porque, os atletas das duas equipes foram se afastando deixando apenas dois jogadores no lugar onde estava a bola. Os dois estavam um de frente para o outro, com as cabeças coladas e imóveis. Logo o médico presente entrou em campo, para sair em seguida. Nós torcedores continuávamos sem entender o que estava se passando, vendo o jogador do Desterro e o outro quase que abraçados, testa com testa. Até que uma versão passou a predominar entre as interpretações que circulavam nas arquibancadas: o jogador da seleção tinha deslocado o pescoço e precisava apoiar sua cabeça. Senti um arrepio, como se estivesse assistindo, impotente, alguém que corria o risco de ficar paraplégico, se um movimento fosse feito. O médico voltou, após alguns longos minutos, com um aparelho que imobilizou o pescoço e a cabeça do jogador, no momento em que entrava no estádio o carro do corpo de bombeiros que sempre é deixado de alerta nos dias de jogos. Pensei que a partida seria suspensa mas ela recomeçou, como se nada tivesse ocorrido. Na verdade, Y me explicou depois do jogo, isso já tinha

acontecido antes com esse mesmo atleta e por isso ninguém em campo estava muito preocupado.

Todos os jogos que observei foram, portanto, *amistosos* como se diz na linguagem esportiva. Porém não se pense que por serem amistoso tenham sido vividos como uma brincadeira. Os jogadores do Desterro treinam arduamente, três a quatro vezes por semana, geralmente nas areias da praia da Joaquina e às vésperas dos jogos importantes como o foi da seleção brasileira, os treinamentos passam a ser diários. Antes desse jogo, Y emagreceu visivelmente. Como a maioria dos atletas está cursando a Universidade, o seu tempo de lazer acaba restringindo-se aos treinos e algumas festas nos fins-de-semana. Apesar de saber dessa dedicação e a seriedade com que os amistosos são vividos, confesso que fiquei aturdida quando fui cumprimentá-lo após a partida: Y tinha lágrimas nos olhos e se afastou rapidamente balançando a cabeça. O Desterro tinha perdido, por pouco mas tinha perdido.

O Desterro existe há 3 anos; em 96, pela primeira vez disputou o campeonato nacional. Alguns meses depois da derrota no amistoso contra a seleção, X obteve o título de campeão brasileiro de rúgbi.

Pontos para uma antropologia do esporte

Partindo dessas duas trajetórias esportivas, gostaria de refletir sobre alguns pressupostos da sociologia do esporte e apontar para os referenciais que considero relevantes para se pensar o esporte em sua dimensão de masculinidade.

Existe uma vasta literatura sobre esporte porém grande parte dela refere-se a trabalhos biográficos sobre tal ou tal grande jogador. Nossos intelectuais têm-se mantido, no mais das vezes, distantes do campo dos praticantes,

preferindo o caminho muitas vezes ilusório da biografia de grandes desportistas. Mesmo no Brasil, onde a literatura antropológica/esportiva tem se concentrado em torno do futebol, é relativamente extensa e considerável, o enfoque tem privilegiado o do futebol como revelador de um caráter nacional ou enquanto dramatização da sociedade brasileira (Filho; Gil; Da Matta) ou o futebol de grandes estrelas, como Garrincha (Leite Lopes/Maresca)⁹. O futebol de várzea, amplamente praticado nas favelas ou nas areias das praias, nos campinhos do interior ou nos terrenos baldios das cidades, permanece invisível a nossa antropologia/sociologia¹⁰. Outros mantêm em relação ao esporte uma atitude de negação absoluta. É o ópio do povo, dizem de diversas formas - é o caso de uma forte corrente na França, liderada por Jean-Marie Brhöm. Concordando com Bourdieu, creio que é a antropologia/sociologia do esporte deve deixar de lado as abordagens que enfocam um ou outro desportista famoso, reconhecido amplamente, e passar a acompanhar o que fazem os praticantes normais desse esporte no dia-a-dia. Ou seja, deve-se começar a pensar o boxe não exatamente a partir de Mike Tyson mas dos milhares de jovens que passam a tarde a esmurrar sacos de areia e a levar socos no rosto no interior de academias.

Deixo claro, inicialmente, que a construção da masculinidade não está sendo considerada aqui como um processo que ocorra apenas no esporte; ela está presente, na socialização na família e na escola, na divisão do trabalho e em outras formas de sociabilidade que não o esporte. Tampouco o esporte está sendo tomado como uma atividade exclusivamente a serviço da construção da masculinidade. Ele proporciona a descarga de energia libidinal constrangidas

⁹DA MATTA, R. et alli *Universo do Futebol. Esporte e Sociedade*. RJ, Ed. Pinakotheque, 1982. FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. RJ, Civilização Brasileira, 19864. LEITE LOPES, J.S. e MARESCA, S. La disparition de la 'joie du peuple' - notes sur la mort d'un joueur de football. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n. 79, setembro 1989.

¹⁰ Depois de ter escrito esse artigo, soube da recente defesa de uma dissertação de mestrado em Antropologia sobre futebol e masculinidade, junto a UNB. Também descobri um texto de ARAÚJO, B. *Os Gênios da pelota um estudo do futebol como profissão*. Dissertação de mestrado. RJ, Museu Nacional, 1980. Mas não tive acesso a esses textos.

por um processo civilizatório (Elias), é uma atividade substitutiva para a guerra, diverte, dá prazer, ensina obediência a regras, fortalece o corpo, disciplina o corpo, serve a construir identidades pessoais e locais ou nacionais, etc.

O ponto que enfatizo aqui vai de encontro ao trabalho de Loïc Wanquant¹¹ quando ressalta que **não é a mesma masculinidade** que está sendo construída em ringues e campos de futebol. Cada esporte possui seu modo de codificação específico e constrói *ethos* específicos. Mesmo nos esportes considerados "de homem" observa-se uma grande diversidade. Ou seja, o *habitus pugilista*, bem descrito por Wanquant¹², é completamente diferente do *habitus* de um judoca.

Para se ter uma idéia dos diferentes *ethos* em jogo basta comparar, por exemplo, o mito de origem do judô com a origem do *full-contact*, completamente diferentes embora possam ser vistos como fazendo parte da mesma genealogia de lutas marciais. O judô teria sido criado por um sábio zen a partir da observação da natureza diante do rigor imposto pelo inverno. As árvores pequenas, por serem mais flexíveis, se curvavam ao peso da neve e depois de passado o inverno voltavam a posição vertical incólumes. As árvores maiores e rígidas tentavam resistir à força da neve, tinham seus galhos quebrados e, às vezes, morriam. Ou seja, desde sua origem, se faz presente no judô a idéia de que se vence com humildade; se tirando proveito da força contrária.

Já o *full-contact*, é um esporte com uma origem bem menos espiritual. Foi criado no Ocidente e difundido mundialmente através dos filmes de Bruce Lee realizados por Hollywood. Ainda que seja uma síntese de diversas lutas marciais muito antigas, como jiu-jitsu, caratê, judô, etc e que o personagem de Bruce Lee

¹¹WANQUANT, Loïc J.D. Corps et âme - notes ethnographiques d'un apprenti-boxer. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.80 - nov. 1989.

¹² Idem.

faça constantes referências a origens místicas, o *full-contact* se mescla com o boxe e, como mostra Gastaldo¹³, torna-se uma espécie de vale-tudo, onde importa é bater no adversário, sendo usado em brigas de rua. Ao contrário das lutas centenárias sino-japonesas, o *full-contact* não proclama consigo um código de ética, o objetivo sendo menos o de fazer "gestos nobres" (judô vem do japonês *ju dô*, quer dizer "nobre modo") ou de usar "dez astúcias" (significado de *jujutsu* em japonês) mas de conseguir suplantar o adversário seja como for, o que não exclui golpes mortais.

A mesma diferença aparece se compararmos nosso conhecido futebol com o rúgbi, por exemplo, no que diz respeito à **honra**. Ambos esportes podem ser aproximados por terem tido uma origem comum: o rúgbi e o futebol se originaram de uma variedade de jogos medievais que eram praticados segundo regras orais, nas ruas dos vilarejos através da Inglaterra. Esses jogos não tinham agentes externos de controle, como são hoje os árbitros, e às vezes chegavam a envolver mil pessoas de cada lado. Jogos semelhantes eram conhecidos também na China desde tempos remotos e na Itália mas o rúgbi e o futebol, na sua forma moderna tal como são hoje praticados no mundo todo, se originaram nos *colleges* ingleses.

Depois do estabelecimento de regras escritas e de um árbitro nos jogos, o que ocorreu primeiro nas escolas públicas inglesas, a prática desses esportes se organizou em torno de Federações, uma de futebol e outra de rúgbi. A de futebol foi criada em 1863 visando unificar as regras que eram locais e impediam o confronto de equipes de diferentes lugares. Porém, ao decretar um regulamento, a Football Association estabeleceu a proibição de duas características centrais do rúgbi na época, o porte da bola pelas mãos e os chutes nas tíbias dos adversários, o que fez com que os clubes de rúgbi presentes a reunião não ingressassem nessa

¹³ Para uma análise mais completa desse esporte e sua masculinidade, ver a dissertação de Gastaldo citada na nota 1.

Federação, que aliás permanece a mesma até hoje (FIFA). A federação de clubes de rúgbi, Rugby Football Union, só foi criada anos depois, em 1871, também unificando regras locais e, um pouco mais tarde, decidiu abolir a prática dos chutes nas pernas. Porém, a característica que me interessa sublinhar aqui e que divide esses dois esportes quanto a seu ethos e sua inserção social é a do amadorismo.

A Football Association cedo aceitou a profissionalização dos jogadores das suas equipes; já a Rugby Football Union se opunha e ao fim de uma longa polêmica envolvendo o amadorismo, acabou se dividindo em duas: uma liga amadora (cujas equipes contavam 15 jogadores) e outra profissional (equipes com 13 jogadores). As equipes da liga profissional nunca foram aceitas fora do norte da Inglaterra, especialmente Yorkshire, e sua importância permaneceu insignificante. As equipes da liga amadora, ao contrário, se expandiram rapidamente pela Inglaterra e Irlanda, tornando o rugby um esporte nacional¹⁴.

O rúgbi é, portanto, tradicionalmente um esporte amador -- ele é considerado o esporte amador, o amadorismo estando na origem de sua separação do futebol e da cisão que isolou as equipes do norte da Inglaterra. O rúgbi seguia a definição do Amateur Athletic Club fundado na Inglaterra em 1866 e que definia assim o amadorismo esportivo:

É amateur todo o *gentleman* que jamais participou de um concurso público aberto por dinheiro proveniente dos ingressos no campo ou outros, ou com profissionais por um preço ou por dinheiro proveniente dos ingressos no campo ou outros; ou que jamais foi,

¹⁴ Sobre essa cisão, importante para o entendimento da questão da honra no rúgbi, ver SMITH, David and GARETH, Willimams *Fiels of Praise - the oficial history of the welsh rugby Union 1881-1981* Cardif University of Wales Press, 1980. 505p. Ou DUNNING, E. e Kenneth SHEARD La séparation des deux rugbys In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n. 79, 1989. Para uma abordagem sociológica desses esportes ver ELIAS, Norbert e Eric DUNNING *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. London, Basil Blackwell, 1986. 312p.

em nenhum período de sua vida, professor ou monitor de exercícios desse gênero como meio de existência, *que não é nem trabalhador, nem artesão, nem diarista*¹⁵. (minha tradução)

Na formulação de 1880, esta última cláusula, que coloquei em itálico aqui, foi suprimida. Não era necessária, o amadorismo garantia o recrutamento social dos seus praticantes pois ainda que não excluindo explicitamente as camadas populares, o fato de permanecer amador mantinha o rúgbi como um patrimônio da elite. Foi somente em 1996 (no ano passado, portanto) que o rúgbi se profissionalizou oficialmente e, assim mesmo, não em todos os lugares. Na Argentina, o país da América do Sul onde o rúgbi é mais praticado, ele continua estritamente amador a ponto da seleção nacional não convocar jogadores atuando no exterior por estes terem se profissionalizado nos países onde jogam. Jogar por dinheiro seria algo menor nesse esporte que presa tanto a nobreza.

A própria auto-construção da imagem pessoal por parte dos jogadores também é reveladora disso. Ao contrário da maioria dos jogadores de futebol, os de rúgbi fazem questão de se exibirem, em circunstâncias públicas e com toda a equipe, usando terno e gravata - o que pode causar problemas no Brasil, por não ser uma vestimenta usual mesmo entre os jovens de camadas mais abastadas¹⁶. Lembro que no embarque da equipe de Desterro para a Argentina, um dos companheiros de Y, que nunca vi portar uma gravata, esqueceu esse acessório tão importante na construção da imagem pública do jogador de rúgbi. O seu pobre pai foi constrangido a dirigir 40 quilômetros, do aeroporto até a casa e volta, exclusivamente para buscá-la. Fazem questão também de se mostrarem

¹⁵ CALLEDE, Jean-Paul *L'ésprit sportif*. Press Universitaire de Bordeaux, 1987.191p.

¹⁶ Há, é claro, exceções. Heleno de Freitas era tido como um homem muito elegante no seu tempo; mais recentemente, nos anos 80, Paulo Roberto Falcão, na sua passagem pelo São Paulo Futebol Clube vindo da Itália, introduziu no Brasil o uso do terno e gravata entre os jogadores, moda que permanece pelo menos em circunstâncias oficiais, como as viagens da seleção brasileira.

cavalheiros nas interações intersexuais, ainda que se mostrem enquanto selvagens nas interações privadas da equipe, como vimos nos rituais de entrada e nos do "terceiro tempo".

Essa busca de um ethos nobre é explicitada por eles: "O jogador de rúgbi não humilha o adversário nem desestimula o jogador que é companheiro", me explicou Y. Um jogador de rúgbi saúda o time adversário ao entrar em campo, gritando o nome da equipe concorrente, e repete o gesto ao final da partida. O jogador de futebol, saúda apenas a sua torcida -- embora os capitães das equipes concedam um aperto de mão diante do árbitro. Eu mesma pude presenciar uma cena hilariante quando da primeira apresentação pública do time do Desterro contra um adversário, evidentemente de fora da cidade. Tão logo começou a partida, o time do Desterro pontuou e a pequena torcida, que mal conhecia as regras do jogo, foi ao delírio como se estivesse nas arquibancadas de um estádio de futebol. Os jogadores do Desterro, que se encaminhavam lentamente para o centro do campo, tiveram que correr em direção aos torcedores, rogando que parassem de comemorar e fizessem silêncio.

Um *gentleman* não marca gols para comemorá-los depois, ele o faz por esporte -- como também, em outros tempos, não caçava para levar comida para sua mesa, desprezando os animais que cruzavam o seu caminho e concentrando-se apenas no aprisionamento de uma pequena raposa, para a surpresa do espectador estrangeiro a esse código. Estamos aqui, embora se trate de um jogo coletivo e com grande implicação física, mais próximos ao ethos do tênis do que o do futebol, onde nos acostumamos a ver comemorações de gols que teatralizam a vingança -- lembro aqui apenas duas recentes: a do atacante Viola, então corintiano, que, pondo-se de quatro, imitou o porco, símbolo do Palmeiras após marcar um gol contra essa equipe; e a de Romário, que chegou a ser processado na Justiça esportiva (sendo absolvido) por ter comemorado o gol com gestos obscenos - correu até a torcida adversária mostrando um dedo

erguido na mão e os outros fechados e em seguida, moveu os dois braços flexionados, simulando a penetração em um coito.

Ou seja, embora possam ser comparados em linhas gerais, o futebol e rúgbi de um lado e o judô e full-contact de outro falam de valores pessoais e sociais bem diferentes. E, indo além, constroem masculinidades diferentes. "A diversidade de experiências e identidades apontam no sentido de existirem várias masculinidades"¹⁷. Margareth Mead já mostrava isso no seu estudo em Samoa quando comparara os homens Arapesh (senso artístico muito desenvolvido, homens que preferiam apanhar a bater em alguém) com os seus vizinhos Mundugomor (coléricos, agressivos) ou quando compara os meninos Tchambuli (tímidos) com os Iatmul (audazes sexualmente).

No esporte, esse aprendizado de uma masculinidade se dá através de uma **incorporação**¹⁸: o ethos que é incarnado no verdadeiro sentido do termo, transforma-se em carne, é corporificado. O menino aprende a ser ativo, mais ou menos agressivo através da incorporação dessas características como habitus. Essa incorporação, em muitos esportes, se faz com dor intensa. Creio que a relação **dor e masculinidade** é outro ponto importante a ser considerado em uma antropologia do esporte. Me permito um parêntesis para que considerarmos o trabalho do antropólogo norte-americano David Gilmore sobre masculinidade. Gilmore se refere a inúmeros exemplos de provas de virilidade entre povos de diferentes culturas, guerreiros ou não, ressaltando que essas confrontações "são jogadas em um palco público". Publicamente os jovens das tribos por ele

¹⁷ ALMEIDA, Miguel Vale de *Senhores de Si - uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa, Fim de Século Edições, 1995.

¹⁸Incorporação é entendido aqui como quer L. Wauquant: "um processo inconsciente de aprendizagem pela imitação de posturas corporais, gestos, reações psicossomáticas que tem um significado nas relações sociais, estabelecendo hierarquias entre as quais as dos gêneros e que constitui uma das formas mais resistentes de memória sociais."

estudadas tinham que mostrar coragem, impassividade diante da dor e desprezo à morte. As cicatrizes eram exibidas como provas de mudança de estado¹⁹.

Não pretendo, contudo, optar por uma explicação psicanalítica: a de que sempre nos defrontaríamos com uma fase de separação da mãe, dolorosa mas necessária a construção da masculinidade. O ponto a ressaltar aqui é mais modesto: na nossa sociedade como o foi em outras (não sei se em todas e se no futuro o será) o trabalho sobre o corpo é importante na definição da identidade de gênero e a dor, presente também na construção da feminilidade, das mulheres ou dos travestis, o é ainda mais na construção da masculinidade. A dor masculina é pública, a feminina não tem sido.

As práticas de muitos esportes implicam em esforço, sacrifício e dor. Sacrificar o corpo no esporte aporta um capital simbólico ao praticante. A derrota não desonra se o derrotado for capaz de suportar a dor até o final (assim como a pobreza não desonra). A desonra vem de não se ter sacrificado o corpo, de não se ter resistido a dor. O filme *Touro Indomável* de Martin Scorsese, apresenta nesse sentido uma cena exemplar; o personagem de um boxeador

¹⁹Recolhi alguns exemplos da etnografia de Gilmore, que foram citados por Badinter, onde a associação entre a dor e a construção da masculinidade aparece de modo claro. Na Nova Guiné, entre os Sambias, o pai tem pouco contato com o menino que tem acesso ao seio da mãe à vontade até os 3 anos e dorme nu junto com ela até o fim do aleitamento e a dolorosa separação. Flautas anunciam o início do ritual de separação. Os meninos são roubados à mãe, levados à floresta, chicoteados até sangrar por 3 dias, para "abrir a pele e estimular o crescimento". Sangram pelo nariz para se livrarem dos fluidos femininos. No terceiro dia, lhes contam o segredo das flautas e eles tem que jurar jamais revela-lo às mulheres, caso contrario, serão punidos com a morte. Os Baruya, depois da separação, são proibidos de falar com a mãe até que eles próprios tornem-se pais - ou seja, sua identidade masculina fique atestada através da geração de um filho. Entre o Bimin-Kiskusmin a separação ainda é mais terrível. Aos 7 ou 10 anos, são roubados da mãe, ouvem dizer que são seres poluídos, sujos, tem suas roupas queimadas, ouvem dizer que serão mortos, que foram poluídos pelas suas mães. Choram histéricos, vêem as mães que também choram e se vestem de luto. São levadas para mais longe na florestas e batidos com paus até o corpo ficar coberto por feridas. Por quatro dias são humilhados, bebem urina e sangue de porco para vomitar, etc. Depois, simula-se o seu assassinato que não se consuma e só aí podem retornar a tribo. Cf. BADINTERr, Elizabeth X/ Y. Esses exemplos servem para percebermos que nossa sociedade não está inventando nada de tão estranho ao associar a dor e a masculinidade, essa associação aparece em muitas outras culturas.

intrépido interpretado por Robert De Niro é voluntariamente derrotado para a máfia se beneficiar na bolsa de apostas. O personagem de De Niro se deixa massacrar pelo adversário, perde a luta mas não cai no ringue. E ao final, com o rosto deformado e em sangue, diz, como se tivesse vencido: "Você não me derrubou".

A dor mantém a honra do derrotado. Para merecer a vitória, é preciso sofrer; senão no ringue, nos treinos. A vitória fácil culpabiliza o vencedor. Não é por outra razão que temos dificuldade em lidar com os jogadores que parecem conseguir tudo muito fácil como é o caso do goleador Túlio, em quem a bola parece bater e entrar no gol, e seria o caso de Romário, que não treina e nem corre muito durante os jogos, não fosse por sua complicada vida pessoal que o constrói como um sofredor em outro campo. Não quero dizer com isso que não ocorram mudanças. Quem observa o jogo de rúgbi hoje percebe que o "passe" tem um papel central na movimentação das equipes - do mesmo modo, aliás, que no futebol. Passando-se a bola para um companheiro de equipe evita-se o 'hacking' o choque com o adversário. E durante muito tempo no rúgbi, a bola e os pontos marcados eram secundários; o fundamental era o "hack", capacidade demonstrada no confronto físico direto com o inimigo. Evitar o golpe do adversário, desde a Grécia antiga, num ethos de guerreiro²⁰, era considerado um ato covarde, não sendo aceitável o recuo em nenhuma circunstância. Ora, como Elias nos mostra, a aprovação do "passe" já é uma mudança em direção a uma maior civilidade do jogo ao mesmo tempo que revela uma mudança de valor de masculinidade ali expresso.

E aí chegamos a outro ponto importante a considerar: a estreita relação entre a **dor e o prazer**. O boxe, o judô, o rúgbi e os esportes onde o corpo é

²⁰Cf. ELIAS, N. The genesis of sport as a sociological problem. In ELIAS, Norbert and Eric DUNNING *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process* London, Basil Blackwell, 1986. p 126-149.

exigido mostram a estreita relação entre o sofrimento e o prazer. A maioria dos praticantes desses esportes o fazem por vontade própria, como é o caso de Y e seus companheiros, e até contra a vontade dos pais. Não estamos mais diante das situações descritas por Gilmore, de um menino que é arrastado e supliciado para se tornar homem.

Se não podemos falar em uma imposição social, algum prazer há, de tal modo que "não se sabe mais onde está o gozo do atleta, se na dor do prazer ou no prazer da dor". A psicanalista francesa Françoise Champion, autora da frase citada, aponta para o *masoquismo* presente nesses esportes e sublinha como central a relação entre o mestre/treinador e o lutador/jogador que muitas vezes ultrapassa a de um pedagogo aproximando-se da relação de mestre/escravo em casais sado/masoquistas. Sem desconsiderar relação entre esses esportes e a construção da masculinidade, aponto que eles são também lugares de uma busca voluntária de sofrimento e risco, que se expressam de modo extremo na experiência de uma morte ou de um assassinato simbólico.

"Para se correr uma aventura", nos confirma Jankélévitch, "é preciso ser mortal e de mil maneiras vulnerável; é preciso que a morte possa penetrar em nós por todos os poros do organismo, por todos os pontos do edifício corporal"²¹. Essa experiência é vivida como um aprendizado, sobre si mesmo e sobre os outros; como revelam depoimentos eloquentes como o de Albert Camus, ex-goleiro da seleção da Argélia: "O que sei de modo mais seguro sobre os homens, devo ao esporte".

Há prazer na dor do esporte. E mais do que a dor, o esporte pode proporcionar aos praticantes e fãs uma experiência simbólica da **morte**, uma vivência mimética da perda. A morte aparece teatralizada sob muitas formas. Sabemos que as derrotas são em geral vividas como perdas: "perde-se o jogo,

²¹ V. JANKÉLÉVITCH *L'Aventure, l'ennui, le sérieux*. Paris, 1963:19. (minha tradução).

sofre-se o gol". Algumas derrotas - em Campeonatos mundiais, em torneios importantes - chegam a significar, ainda que brevemente, experiências próximas a da morte de um ente amado. As expressões sociais de sentimentos nesses momentos são as de dor e luto: se diz que o estádio fez "um silêncio mortal", um "silêncio de velório". Como o público nos estádios ainda é predominantemente masculino, não há lágrimas mas os gestos são de aflição, ainda que por tempo limitado²². Esse sentimento aparece no léxico esportivo: no futebol, quando as partidas terminam empatadas e o regulamento prevê uma prorrogação até que uma das equipes marque o gol, chama-se esse espaço de tempo decisivo de "morte súbita".

O esporte pode proporcionar uma vivência imitativa da morte. O que é o knock-down, o clímax de uma luta de boxe, senão a experiência em vida da morte? O corpo do perdedor se estende no chão, imóvel, incapaz de se erguer. Os nocautes no boxe, as imobilizações no judô, os 'hacks' no rúgbi, momentos em que o adversário é imobilizado, deitado, parecem metáforas da morte ou do assassinato; revelam um flerte com a morte, é um modo de vivê-la em uma dose homeopática. Mais do que uma "feminização" do adversário, que não desconsidero, creio que esses esportes proporcionam uma vivência simbólica da morte.

As mulheres no esporte

Por último, gostaria de enunciar duas **tendências contemporâneas** em relação a esses esportes. A primeira, aponta para a crescente penetração entre as

²² Quais foram os grandes lutos nacionais? Mortes reais, como a de Getúlio Vargas, de Tancredo Neves, de Ayrton Senna mas também a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 50. Os instantes que se seguiram ao segundo gol do Uruguai, registrados em filme, não deixam dúvida: um silêncio absoluto no estádio onde estavam 150 mil torcedores, seguido pelas lágrimas das mulheres e seus lenços brancos, pela circunspeção ou o desespero contido no rosto dos homens; pelo cortejo mudo na saída do Maracanã.

camadas superiores de esportes a risco. É preciso repensar um dos pressupostos que tem balizado as poucas análises desses esportes -- felizmente, não no Brasil. Qual seja, o que considera a escolha do tipo de esporte como sendo determinada diretamente pela origem social e o capital cultural do praticante, relacionando mecanicamente esporte e classe social. Nessas abordagens, o grande investimento físico, a dor, o risco e o sofrimento no esporte são apanágio das classes populares. As camadas médias e as elites se desinteressariam por esses esportes ou só o apreciariam por um tempo limitado, na juventude, preferindo as práticas desportivas onde o físico não é tão exigido.

Hoje, não se pode (se é que em algum momento foi possível) associar de modo irredutível esporte e origem social, capital econômico ou cultural, ainda que não se deva desconsiderar a relação entre o esporte e o espaço social. Essa associação, que já não fazia sentido no que diz respeito ao rúgbi, conhecido mundialmente como o esporte dos *gentlemen*, *amateurs*, da elite, parecia no entanto explicar bem a escolha dos outros esportes franceses. Mas, definitivamente, nunca pode ser aplicada no Brasil onde o futebol é apreciado e praticado por todas as camadas sociais. A interpretação aliás, deixa de valer completamente a partir dos anos 80, com a entrada em cena dos chamados *esportes radicais* e sua adoção especialmente entre a elite. Asa delta, parapentes, escaladas com o uso apenas das mãos, mergulho, surfe no ar a partir de aviões, quedas com elástico que permitem saltos em queda livre de alturas inimagináveis, velejamentos solitários ao redor do globo são esportes que não apenas implicam um grande investimento físico como também um *risco* considerável.

A segunda tendência contemporânea a considerar é o decréscimo dos espaços de **homossociabilidade** estritamente masculina, com a participação crescente das mulheres em todos os esportes.

É verdade que muitos esportes ainda funcionam como verdadeiras "casas de homens", lugares interditos às mulheres. A academia de judô de X era assim - - hoje já não é mais, há meninas em aulas de judô e até nas escolinhas de futebol -- mas a grande parte das salas de treinamento de boxe ainda se mantém como espaço de homosociabilidade. É principalmente através do esporte que o homens como X e Y, de classes médias e altas, reúnem-se exclusivamente entre homens. Ainda que se verifique fortes expressões de homoerotismo nos esportes tidos como de *macho*, os homossexuais são aí geralmente vítimas de sarcasmo. Isso é especialmente constatável entre os praticantes de rúgbi²³. Ainda assim, muitas esferas associadas a esses esportes são lugares de sociabilidades intersexuais, como os bailes e festas para levantamento de fundos para as equipes. Não é mais possível, mesmo levando-se em conta tudo o que foi dito acima, se associar de modo exclusivo esporte e masculinidade.

Hoje, reduz-se cada vez mais o que é tido como espaço exclusivamente masculino no esporte. Até um dos redutos mais sagrados da masculinidade que é o ringue -- eu diria que comparável apenas a arena dos toureiros - deixou de ser espaço exclusivamente de homens ou masculino: quem assistiu a última luta pelo título maior do boxe dos pesos pesados, teoricamente o momento em que se escolhe o homem mais forte do planeta, acabou se deparando com a imagem de duas mulheres lutando boxe. Para mim, leitora das páginas transpiráveis de Norman Mailer, que celebram a exaustão a inteligência dos boxeadores através dos socos de Ali-Frazier²⁴, e das inumeráveis passagens de Hemingway sobre o

²³ Dunning cita canções executadas nos "terceiros tempos" ingleses que gozam as mulheres e outras, os homossexuais, como nessa: "For we're all queers together, Excuse us while we go upstairs. Yes, we're all queers together, That's why we go round in pairs".

²⁴ MAILER, Norbert *Le combat du siècle*. Paris, Clancier Guenaud, 1988. A paixão dos escritores pelo esporte tem sido pouco destacada. Alguns exemplos: Marcel Proust, quem diria, era praticante de tennis, e inclui nada menos que 14 vezes a palavra tennis na sua *À la Recherche*; Emile Zola era um ciclista de longos passeios no Bois de Boulogne; Jack London conta entre os primeiros praticantes de surf, tendo estado no Hawaii para esse fim e seu conterrâneo, Jack Kerouac, praticava o futebol americano. São conhecidas as longas

boxe, as corridas de cavalo, as touradas, jamais imaginei ver um dia uma mulher num ringue de boxe ou numa arena de touros. Qual seria a reação de Hemingway, esse assumido macho americano, se fosse Gertrud Stein e não Ezra Pound que tivesse solicitado lições de boxe?²⁵. Ou se assistisse o filme de Clint Eastwood, *Menina de Ouro* (2004)? Em guarda, não é, como quer Maurice Maeterlinck, "a mais bela atitude do corpo viril?".

A presença das mulheres nos esportes se deu muito cedo mas se restringia a entre a aristocracia e a atividades como a equitação, a caça, o tiro e o tênis em canchas privadas -- ainda assim, entre 1864 e 1865, cinco mulheres escalaram o Mont-Blanc²⁶. Entre as classes populares, essa participação ocorreu bem mais tarde, o incentivo das professoras nas escolas públicas tendo tido um papel decisivo para isso. A aparição da mulher desportiva teve enormes repercursões na imagem social que lhe era atribuída então - a moda, por exemplo, evolui no sentido de uma simplificação uma vez que a bicicleta exigia o porte de calças cumpridas e a natação roupas mais adequadas²⁷, sendo uma das faces mais visíveis dessa mudança. embora não a mais importante. Quais as repercussões das atuais das mudanças, do ingresso das mulheres em esportes masculinos?

caminhadas de Simone de Beauvoir por estradinhas do interior da França, mas ela exibia ambições maiores: "Je donnerais le Reaudot pour savoir le christiania aval" dizia Mlle. Beauvoir ("Eu daria o Reaudot - prêmio literário - para saber a descida christiania" - movimento de esquiação. E John Irving ecoa Camus quando declara "Eu estou completamente convencido que a luta me ensinou bem mais que qualquer aula de escrita". Cf. *L'Équipe Magazin* n. 764 nov 1996 e *Sport e Littérature Revue Europe*, 1996.

²⁵ Cf. HEMINGWAY, Ernest *Paris é uma festa*. RJ, Civilização Brasileira, 1991.204p.

²⁶D'ARVE, Stéphen *Histoire du Mont-Blanc et de la Vallée de Chamonix*. Paris, Delagrave, 1878. 334p

²⁷CALLEDE, Jean-Paul *L'Ésprit sportif* Press Universitaire de Bordeaux, 1987.191p.

Pode parecer exagero para quem é alheio ao mundo do boxe e das touradas mas creio que o avanço das mulheres nesse espaço é possivelmente tão significativo quanto a conquista do sufrágio universal²⁸.

A presença das mulheres, como tem sido bem demonstrado pelas teorias de gênero, por si só não "desmasculiniza" de imediato esses espaços, não representa a "feminização" desse esporte. Ao contrário, por muito tempo o que ocorria é que a mulher que os praticava se contaminava pelo masculino. Porém, no caso do futebol e talvez também no do boxe agora, do mesmo modo como antes ocorreu com o vôlei e tantos outros esportes, a presença das mulheres nesses espaços fez com que perdessem o seu caráter de gênero, deixam de ser marcas de masculinidade. O comparecimento das jogadoras de basquete em revistas tipo *Playboy*, as fotos de jogadoras de futebol em poses sensuais tais como as publicadas na revista *Placar* ou em jornais de circulação nacional, mostram que a habitação desses campos tidos anteriormente como masculinos não necessariamente as contamina do masculino aos olhos sociais²⁹.

Voltemos a nossa citação inicial, a perplexidade diante do montanhista do Himalaia. "Seja Homem", se diz; "prova que tu é um homem" se desafia; logo, ser homem não é algo espontâneo, precisa ser constantemente atestado, ainda que tenha uma contrapartida generosa, apontada por Bourdieu, "é suficiente dizer a um homem para elogiá-lo *és um homem*"³⁰. Até pouco tempo,

²⁸ A primeira toureira chama-se Cristina Sanchez e tem atuado na Espanha e no sul da França. Cf. CRISTINA SANCHEZ, *UNE FEMME MATADOR*, documentário sueco dirigido por Susanna Edwards, 1996.

²⁹ Como as viúvas do mediterrâneo descritas por Pitt Rivers, que ao assumirem os papéis tradicionalmente masculinos passam elas também a serem vistas enquanto homens ou, como no caso das mulheres chamadas "virgens" do norte da Turquia que não apenas passam a ser tidas socialmente como homens, mas a vestirem e se comportarem como homens, tendo direito de esposarem outra mulher. Cf. GRÉMAUX, René *Woman becomes Man in the Balkans*. In HERDT, Gilbert (org) *Third Sex, Third Gender Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History*, New York, Zone Books, 1996, p.241-281.

³⁰ Citado por BADINTER, E. X/Y.

poderíamos dizer que nosso atleta escalaria o Evereste para provar que é homem. Hoje, com o crescente número de mulheres alpinistas e de todos os outros esportes de risco, tornou-se difícil aceitar essa interpretação.

Em 1909, um jornalista europeu escrevia: "o campo de rúgbi é o único lugar onde a supremacia masculina é incontestável". Será que permanece assim?